



PINHEIRO, Maria do Socorro. Literatura de cordel e ensino: propostas de leitura. *Revista Épicas*. Ano 8, NE 7, Mai 2024, p. 116-127. ISSN 2527-080-X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2024.ne7.116127>

## LITERATURA DE CORDEL E ENSINO: PROPOSTAS DE LEITURA

### CORDEL LITERATURE AND TEACHING: READING PROPOSALS

Maria do Socorro Pinheiro<sup>1</sup>  
Universidade Estadual do Ceará - UECE

**RESUMO:** A literatura de cordel agrega em torno de sua poética saberes e vivências ancestrais por meio de uma linguagem que expressa o ver e o ouvir, como elementos importantes da poética da voz. O cordel tem um vasto campo epistemológico e interdisciplinar que abre espaço para diferentes diálogos sobre temáticas variadas como a natureza, a cultura, valores humanos, amor, morte, religiosidade, fatos históricos e sociais, promovendo novos olhares e descobertas na formação crítica e literária do(a) leitor(a). Diante disso, tem-se como objetivo propor leitura de cordéis em sala de aula, observando os elementos constitutivos desse gênero, a diversidade temática, a linguagem com suas metáforas, comparações e imagens poéticas. A metodologia é propositiva, pois consiste em apresentar propostas de leitura de cordéis de três poetas cearenses: Dalinha Catunda, Patativa do Assaré e Moreira de Acopiara para análise e discussão em sala de aula, tendo em vista a contribuição desse gênero na formação cultural do(a) leitor(a). Como referencial teórico, utiliza-se os estudos de Candido (2000), Bachelard (1988, 2001), Pinheiro (2012), Zumthor (1997). Espera-se que a leitura de cordéis no ambiente escolar desperte no(a) leitor(a) o interesse pela cultura popular, pela oralidade, pela memória, e que haja respeito e valorização das tradições.

**Palavras-chave:** Literatura de Cordel, Sala de Aula, Propostas de Leitura, Ensino.

**ABSTRACT:** Cordel literature brings together cultural heritage knowledge and experiences around its poetics through a language that expresses seeing and hearing, as important elements of the poetics of the voice. Cordel has a vast epistemological and interdisciplinary field, that opens up space for different dialogues on varied themes such as nature, culture, human values, love, death, religiosity, historical and social facts, promoting new perspectives and discoveries in the critical and literary formation of a reader. Because of that, the objective is to propose reading cordels in the classroom, observing the constituent elements of this genre, the thematic diversity, the language with its metaphors,

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura e Interculturalidade, UEPB, 2015. Pós-doutorado em Linguagem e Ensino, UFCG, 2019. Professora do Curso de Letras da FECLI/UECE. [socorro.pinheiro@uece.br](mailto:socorro.pinheiro@uece.br)

comparisons and poetic images. The methodology is propositional. It consists of presenting proposals for reading cordels by three poets from Ceará: Dalinha Catunda, Patativa do Assaré and Moreira de Acoiara for analysis and discussion in the classroom, in order to take into account the contribution of this genre to the cultural formation of a reader. As a theoretical reference, we use the studies of Candido (2000), Bachelard (1988, 2001), Pinheiro (2012), Zumthor (1997). It is expected that reading cordels in the school environment waken the reader's interest for popular culture, orality, memory, besides that, there should be respect and appreciation for our traditions (cultural heritage knowledge).

**Keywords:** Cordel Literature, Classroom, Reading Proposals, Teaching.

## Introdução

A experiência com a literatura de cordel data da minha infância, quando meu pai, agricultor que pouco sabia ler, mas que tinha um bonito repertório da tradição oral, contava as histórias dos folhetos que ele ouvia, entre elas a *História de Juvenal e o Dragão*, o clássico romance de encantamento do autor paraibano Leandro Gomes de Barros. Aquelas narrativas ficaram na memória de menina ávida por leitura, embevecida por tudo que ouvia e lia. Mais tarde, já na Universidade pelos anos de 1993 foi que ocorreu o encontro com outros títulos de cordéis, todos de autoria masculina, o que mostra a ausência das vozes poéticas femininas, e ainda o conhecimento de sua origem, historiografia, conceitos, por meio do discurso oficial que hoje passa por desconstrução, a partir de “novas *epistemes*”, como propõe Lemaire (2020).

Com a trajetória de leituras e pesquisas, vimos que a literatura de cordel tem uma condição de inferioridade diante das outras literaturas e que se estas são vistas na escola, apesar de ser pelo viés historiográfico, aquela vive na marginalidade. Tomando esta reflexão como ponto de partida, este artigo discute a literatura de cordel na sala de aula com o objetivo de propor leituras nas quais a fruição do texto possa despertar no(a) leitor(a) o interesse pelo cordel como experiência formativa no processo de ensino e aprendizagem. Para tais leituras, escolhemos a produção dos poetas Patativa do Assaré, Moreira de Acoiara e da poetisa Dalinha Catunda, pois este trio apresenta em seus cordéis um mosaico de culturas que se interpenetram, compondo um único cenário poético cuja expressão se manifesta numa linguagem ricamente articulada pelas metáforas, comparações e imagens poéticas.

Este artigo foi gestado para uma comunicação oral na II Jornada Internacional de Literatura de Cordel e Xilogravura realizada em Serra Talhada e Triunfo, no sertão pernambucano, em agosto de 2023. Evento auspicioso no qual revelou que o cordel está vivo, estudado, pesquisado e visto como objeto estético que tem muito material a ser explorado. A leitura de cordéis desperta no(a) leitor(a) o interesse pela cultura popular, pela oralidade, pela memória, campo de estudo que gera saberes conectados com as tradições orais. Para tanto, nosso constructo teórico se constitui dos estudos de Zumthor (1997) sobre a poética da voz e do corpo; de Pinheiro (2012) e Candido (2000) sobre o texto literário e suas amplas possibilidades de aprendizagem e ensino, entre outros(as) autores(as) como Bachelard (1988, 2001), Lemaire (2020), Le Goff (1984), Freire (1996), com os quais mantemos diálogo para estudar algumas categorias da literatura de cordel e ampliar a reflexão em torno da leitura.

## 1 Marco Teórico-Metodológico

### 1.1 Cordel: campo epistemológico e interdisciplinar

A literatura de cordel reúne em seu manancial poético acontecimentos do cotidiano vividos e/ou inventados pela imaginação criadora do poeta. Seu campo epistemológico é vasto, pois agrega saberes e vivências ancestrais por meio de uma linguagem que expressa o ver e o ouvir, como elementos importantes da poética da voz, matéria estudada por Zumthor (1997) em sua materialidade, eroticidade, movência e nomadismo. A voz tem uma corporeidade mantida no tempo e espaço da ação verbal, que ganha nuances eróticas pela sua forma estética não aprisionada aos elementos fixos da escrita. Voz e escrita numa convivência harmoniosa, narrando situações da vida humana em seus vários contextos. A forma do cordel é escrita, mas sua gênese é oral. Poesia feita para ser lida.

O cordel nos comunica algo por meio de suas narrativas de cunho amoroso, religioso, histórico, lendário, social, crítico, político, numa linguagem coloquial, usando a ironia, humor e analogias para traduzir a realidade social. Não são apenas os elementos formais essenciais ao olhar da crítica, mas também a matéria. Há uma integridade da obra, “fundindo texto e contexto numa interpretação dialética íntegra”, como considerou Candido (2000, p. 04), para o processo interpretativo, que pressupõe um público leitor. A lógica que permeia a estruturação da obra se constitui de aspectos estilísticos em torno dos quais se formam o simbolismo de algumas palavras e a expansão do campo imagético, tão abundante nos cordéis.

Apesar de seu formato escrito, ainda discutindo a estrutura do cordel, é a voz que se anuncia e se pereniza na escritura, basta observar o processo de produção. É um fazer que ocorre no âmbito da oralidade, da qual se forma uma cosmogonia da voz, como estado primevo da criação. Por oralidade se entende não apenas uma forma de comunicação centrada na linguagem oral, mas uma propriedade anunciativa e contextual, apesar de ser “uma abstração; somente a voz é concreta, apenas sua escuta nos faz tocar as coisas”, afirma Zumthor (1993, p. 09).

A oralidade está no pensar, no criar, na forma de memorizar, de dizer, no tipo de linguagem, na temática, como marca de força poética. A voz está ligada à escritura e vice-versa, “verbo encarnado na escritura”, de acordo com Zumthor (1993, p. 113). Essa estrutura oral é percebida nas palavras ‘contar’, ‘ouvir’, ‘prestar atenção’, ‘dizer’, ‘guardar’, que estão no mesmo campo lexical. Leiamos a seguinte estrofe do poema “Apelo de um agricultor” de Patativa do Assaré:

Seu dotô, não lhe aborreço,  
Venho é fazê um pedido  
E como sei qui mereço,  
Espero sê atendido,  
Não quera se aborrecê,  
Pois ante de lhe dizê  
O meu desejo sagrado,  
Vou minha historia contá

Além da voz como elemento do processo criativo do cordel, também integram a memória e a imaginação. A memória é vista como propriedade do saber e de conservação, o que a faz lembrar de seu aspecto cultural. Ela auxilia na elaboração das ideias, na organização das lembranças, dos acontecimentos vividos ou imaginados, que se transformam em matéria poética. Recorre-se à memória como operação do sistema da retórica, como sistematizou Le Goff (1984, p. 441) nessa ordem: *inventio, dispositio, elocutio, actio* e *memoria*. Na criação do cordel, o poeta usa os sentidos e a memória, “o poeta é pois um homem possuído pela memória (LE GOFF, 1984, p. 438).

Quanta à imaginação, sem a qual se esvai o mundo dos sonhos, a percepção criativa e o poder do imaginário se movem e formam as imagens poéticas. O poeta sonha com as palavras, fica em estado de devaneios. Para Bachelard (1988, p. 13) “o devaneio poético nos dá o mundo dos mundos”. A imaginação não é detida na criação, mantém-se dinâmica, livre, aberta, sedutora. A linguagem imaginante é convite para ler o texto, “para bem sentir o papel imaginante da linguagem, é preciso procurar pacientemente, a propósito de todas as palavras, os desejos de alteridade, os desejos de duplo sentido, os desejos de metáfora” (BACHELARD, 2001, p. 03).

Na poesia de Patativa, Moreira e Dalinha, podemos observar estes três componentes: voz, memória e imaginação como indissociáveis da produção literária, incorporando a epistemologia do cordel, que tem em seu campo de estudo operações linguísticas e estruturais próprias da poética da voz. O cordel reúne temáticas em torno de uma mesma mesa para interação e diálogo com outras áreas do conhecimento, como a história, a antropologia, a sociologia, a mitologia, a religião, a geografia, a astrologia, a filosofia, que fecundam o pensamento do poeta na linha da interdisciplinaridade, termo que significa para Morin (2014, p. 115) como troca e cooperação. O que cada cordel reúne em torno de suas narrativas lúdicas ou satíricas favorece o diálogo, a experiência, a descoberta para outras práticas de aprendizagem.

## **1.2 Cordel e Ensino: propostas de leitura**

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC na competência específica 6 da área de Linguagens e Códigos adverte aos estudantes sobre a fruição das manifestações artísticas e culturais locais e globais. Em uma de suas habilidades (EM13LGG602) mostra: “fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade” (BNCC, 2018, p. 496). A partir de atividades com professores da educação básica por meio dos Projetos de Extensão-PROEX e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu – campus da Universidade Estadual do Ceará – FECLI/UECE, desenvolvidos nas escolas, constatamos mais uma vez que a literatura de cordel passa distante da prática de leitura dentro ou fora da sala de aula.

A presença do cordel nos livros didáticos ainda é mínima e sua abordagem é superficial diante de sua importância no cenário literário e cultural. Numa consulta realizada em seis coleções de livros didáticos do Plano Nacional do Livro Didático-PNLD, encontramos apenas em uma delas, *Ser Protagonista – Linguagens e suas tecnologias: culturas, do ensino médio* (2020), no capítulo “Clubes” a literatura de cordel, de forma resumida. Há alguns trechos da poesia “Recife de todas as culturas” de Abdias Campos, “O linguajar cearense” de Josenir Lacerda e “Pluralidade Cultural” de Juarês Alencar Pereira, contendo informações sobre a estrutura do cordel e sua linguagem. Na seção “Para Explorar”, há um quadro com uma pergunta se já ouviu falar sobre a escritora Jarid Arraes, com indicação de seu livro *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* e um site para saber mais. E nada além disso. Caso a coleção não seja a escolhida pelos professores e nem estes usem outros recursos didáticos, os(as) alunos(as) podem ficar sem conhecer este gênero literário.

Murilo Mendes em *Poemas modernos do Brasil* (1972, p. 165) escreve que a poesia não é luxo para iniciados, é pão de todos os dias, “uma aventura simples e grandiosa do espírito”, no entanto, está longe de ser de todos e tampouco ser exercício diário. Tal realidade cabe no cordel, embora seu acesso seja fácil, ainda é pouco lido na escola como um veículo importante na formação do(a) leitor(a). São ainda poucos aqueles(as) que vivem a aventura criadora e ao mesmo tempo espiritual que promove a descoberta, o fascínio, “uma experiência rica de Vida, Inteligência e Emoções”, relata Coelho (1993, p. 28).

A sala de aula como espaço formativo se tenciona diante da pluralidade do indivíduo que tem carência de repertório cultural, literário e linguístico. Para tanto, algumas questões surgem em torno dessa realidade: Como ter uma sala de aula com diferentes propostas de leitura se é regida por uma lógica de economia que freia o processo imaginativo? O que se pode fazer para que a sala de aula seja vista como espaço poético, que envolve uma mística, uma erótica e uma ética na prática do ensinar e do aprender, como atos de profundidade e encontro, da forma como se refere Pinheiro (2021)? Qual é o tempo que a escola dedica para o florescimento da “palavra mágica”?

A leitura de cordel na sala de aula é uma forma de romper com o atual modelo de ensino de literatura centrado na historiografia e na valorização dos textos canônicos. Precisamos pensar na descolonização desse modelo que não atende às necessidades formativas de nossos(as) alunos(as), que anseiam por uma politização da educação, cujo caminho é a inserção de outras manifestações literárias no epicentro do ensino como programa de leitura, pois o(a) leitor(a) tem direito de conhecer, de ler outros tipos de produção literária. “Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando” (FREIRE, 1996, p. 33), nem à formação literária em suas diferentes modalidades.

Em cumprimento com nosso objetivo de propor leitura de cordéis em sala de aula, apresentamos três poetas cearenses cujas temáticas, técnicas, versatilidade e talento - elementos necessários ao artista e ao artesão como afirmou Mário de Andrade (1975, p. 14) em *O Baile das quatro artes* - podem suscitar a curiosidade do(a) leitor(a). Começamos por Patativa do Assaré que nasceu na Serra de Santana a dezoito quilômetros da cidade de Assaré, no dia 05 de março de 1909, na Região do Cariri, próximo ao Chapadão do

Araripe, no Estado do Ceará. Escreveu cordéis que, embora poucos (em torno de 15 ou 16 cordéis), expressam a curiosidade e a imaginação de quem ler, seja em linguagem culta ou matuta. Entre os cordéis, destacamos “Brosogó, Militão e o Diabo”, “As façanhas de João Mole”, “Vicência e Sofia ou o Castigo de Mamãe”, “História de Abílio e seu cachorro Jupi”, pelos seus quadros imaginativos com surpresas e detalhes, posteriormente publicados no livro *Cordéis* pela EUFC, 1999.

O poeta agricultor era portador de sensibilidade estética e seu material poético era colhido no sertão, “só canto o buliço da vida apertada, / da liga pesada, das roça e dos eitos”, canta Patativa (2003, p.14). Ele tinha consciência de sua condição humana ao dizer em versos: “eu sou irmão do caboco, / que ri, que zomba e faz pocô / da sua prope desgraça” (ASSARÉ, 2003, p. 20) e ainda “Eu nasci entre os roceiros, / fui criado ouvindo lendas/ cantadas pelos vaqueiros/ que vigiavam fazendas” (ASSARÉ, 1995, p. 64). Sua poesia expressa dor e alegria, protesto e festejo, riso e choro, vida e morte. Uma voz que não é só sua, mas une-se a tantas outras numa atitude coletiva. Seus versos são de esperar até mesmo quando embalam a dor da morte, tecem as amarguras do cotidiano e transformam o fio da vida em possibilidades.

Em seguida, Maria de Lourdes Aragão Catunda, conhecida por Dalinha Catunda, nasceu no dia 28 de outubro de 1952 na cidade de Ipueriras, localizada na Mesorregião do Noroeste Cearense e na Microrregião de Ipu. Ainda jovem Dalinha Catunda mudou-se para o Rio de Janeiro. Oriunda de uma família de artistas, a mãe Maria Neuza Catunda era poetisa e a tia contadora de histórias, logo mostrou sua verve poética. Ela foi a primeira mulher a entrar na Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), ocupando a cadeira 25 cujo patrono é o poeta e folclorista Juvenal Galeno. É também da Academia Ipuense de Letras, Ciência e Artes (AILCA) e sócia benemérita da Academia dos Cordelistas do Crato (ACC). Dalinha Catunda escreve cordel com muita criatividade e humor, desenvolvendo temas variados desde os versos de gracejos, como “O homem que perdeu a rola”, de louvação ao sertão, como em “Sertão, meu reino encantado”, de pelejas, homenagens, mulher, erotismo, liberdade, entre outros. Leiamos a seguinte estrofe de Dalinha Catunda<sup>2</sup>:

Eu sou mesmo agreste  
meu nome é Dalinha  
Não fujo de embate  
Não fujo da rinha  
Se você empaca  
Não puxe sua faca  
Deixe na bainha.

Atuante nas questões do cotidiano e atenta ao mundo da tecnologia, a poetisa desafia um e outro para fazer poesia na internet. O mote é dado e a poesia nasce. São inúmeros os versos criados por ela e por outros que participam desse enredo virtual. Ela foi idealizadora do grupo “Cirandeiras do Cordel”, criou o blog “Cantinho da Dalinha” e “Cordel de Saia”. Publicou mais de 100 cordéis entre as pelejas e autoria compartilhada. Santos (2023) em *O Livro Delas* apresenta um catálogo de mulheres autoras no cordel e na

---

<sup>2</sup> Todas as citações da poesia de Dalinha Catunda utilizadas neste artigo foram retiradas do blog Cantinho da Dalinha do cordel. <http://cantinhodadalinha.blogspot.com>. Portanto, não citamos data e nem página.

cantoria nordestina, no qual Dalinha Catunda faz parte com 26 títulos de cordéis juntamente com outras poetisas. Vemos uma nova história do cordel.

Outro poeta de nosso estudo é Moreira de Acopiara que nasceu no dia 23 de julho de 1961, no Sítio Cantinho, distrito de Trussu, município de Acopiara, Sertão Central do Ceará. Permaneceu nesse local até os 20 anos de idade, tendo os primeiros contatos com o cordel e com os clássicos da literatura brasileira. Partiu para São Paulo a procura de emprego, fez diferentes atividades, mas sua paixão foi sempre o cordel. Reside em Diadema e vive atualmente de sua obra. Ele desenvolve projetos na área social e educacional. Além de poeta é declamador e cordelista. Publicou mais de 30 livros, *Cordel e sustentabilidade* é o ser trigésimo quarto livro, 400 cordéis em diferentes temáticas, sobre o Cangaço e Lampião são 61 cordéis, sobre Mulheres Negras 22 cordéis e infantis mais de 70. Vejamos a seguinte estrofe na qual o poeta se apresenta:

Cresci num pé de uma serra,  
Num clima de amor e paz;  
Meus sonhos são naturais,  
Sei que a gente acerta e erra.  
Por amar a minha terra  
E andar com um riso na cara,  
Ter uma mensagem clara,  
E pelo que construí,  
O povo me chama de  
Moreira de Acopiara. (ACOPIARA, 2008, p. 13)

O que esses três poetas têm em comum? Uma poesia cuja temática instrui e deleita, *utile dulce* horaciano. Destacamos algumas temáticas recorrentes em suas produções, não vistas separadamente, mas em conjunto: a natureza, o sertão, o feminino e a consciência crítica, política e social. Há um chamamento para as questões humanas, o direito à vida, o bem viver, a justiça social, a esperança, expressas numa dimensão ética, humana, inclusiva e dialógica. Seus quadros poéticos têm a natureza como *leitmotiv*, que além da beleza há uma ecologia que precisa ser pensada para estabilizar o homem ao seu ambiente de sobrevivência. A poesia nos ajuda a refletir que somos parte da natureza. Segundo Krenac (2020, p. 83), “Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza”.

A natureza é protagonista, o cheiro do verso tem “o cheiro da poeira do sertão”, como diz Patativa (1995). Em *A natureza agredida pede para ser respeitada*, Moreira de Acopiara mostra em versos bem rimados que o planeta Terra corre perigo, “no planeta Terra a vida / está correndo perigo. / Então quero que você / preste atenção no que digo: / não agrida a natureza, / não seja dela inimigo” (ACOPIARA, 2011, p. 4). Relata numa linguagem clara como a flora e a fauna estão desaparecendo. Ao adotar essa temática, o poeta traz para perto do leitor uma realidade que precisa ser discutida o quanto antes na sala de aula, para o despertar da consciência e do senso crítico, pois “em breve não terá mais / florestas e água potável. / E a vida humana na Terra / vai se tornar inviável” (ACOPIARA, 2011, p. 21). No cordel *Sertão em flor*, Dalinha exalta “a natureza contente / exhibe seu esplendor / as ramas sobem e descem / carregadinhas de flor / e o encanto que emana / da salsa e da jitirana / é de fato ostentador”.

Os bichos, os pássaros, as árvores fazem parte do repertório poético de Patativa, Moreira e Dalinha. No poema “A garça e o urubu”, os animais envolvidos na trama poética denunciam a discriminação racial. A garça escarnecia o pobre urubu dizendo: “preto, nojento e sombrio, / o que andas fazendo tu/ na margem deste meu rio?” (ASSARÉ, 2001, p.139). Em tom de gracejo as questões raciais e a igualdade de direitos são colocadas em discussão. Outros poemas de Patativa, como “O boi Zebu e as formigas”, “Castigo do Mucuí”, “Eu e a pitombeira”, “Eu e meu campina”, “O vim-vim”, “O sonho de Mané Filiciano”, “O sabiá e o gavião”, “Um sabiá vaidoso”, “O frangão de Meirislene”, “Perfume de Gambá”, “O galo egoísta e o frango infeliz” se inserem nesse conteúdo formativo de identidade social e de preservação de um ambiente natural, tratando de forma humorada questões consideradas relevantes.

Moreira de Acopiara em *Se os animais falassem (2011)* também constrói uma narrativa em versos e coloca espécies diferentes de animais para falar. Cada um tem algo a dizer adotando uma postura de reivindicação.

Se os animais falassem,  
Diriam insatisfeitos:  
“Somos a favor da paz,  
Contra serviços malfeitos...  
Mas, nesse mundo de Deus,  
Roubam os nossos direitos”. (ACOPIARA, 2011, p. 8)

Como se fosse uma espécie de fábula, cada animalzinho faz sua queixa e reivindica seu direito. Ao ler poemas que discutem a relação do homem com a natureza e com o próprio o homem, o(a) leitor(a) vai se percebendo como integrante do cosmos e constrói sua visão crítica de mundo.

Moreira de Acopiara em *O que é cultura popular (2012)*, que mais parece um tratado sobre nossos costumes, tradições e festas em diferentes regiões do sertão e da cidade, expressa em sextilhas versos melodiosos e cadenciados a cultura popular brasileira, “nos palácios, nos galpões, / nos casebres, nas mansões... / são por volta de trezentas / essas manifestações” (ACOPIARA, 2012, p. 20). A diversidade cultural traz a riqueza de nossa humanidade e nos desafia a convivialidade.

Para completar, cultura  
É algo bem natural.  
São lendas, crenças de um povo,  
Riqueza escrita ou oral.  
São histórias, são costumes,  
É progresso social. (ACOPIARA, 2012, p.17).

Dalina Catunda, por sua vez, em seus muitos poemas sobre a natureza como em “O corrução”, “Sertanejando”, “A revoada das pombas”, evidencia a identidade planetária construída na relação de respeito que o homem tem com o meio em que vive, usando a economia do cuidado e a consciência ecológica, o que podemos constatar nos seguintes versos do cordel “O Soldadinho-do-Araripe”:

O Soldadinho-do-Araripe  
É o guarda das nascentes  
Com seu canto a sinfonia

Tem acordes diferentes.  
Vamos preservar a natureza  
Para manter esta beleza,  
E difundir suas sementes. (CATUNDA)

Seguindo a teia poética de Dalinha, nos deparamos com a temática feminina desenvolvida numa linguagem associativa, com expressões populares familiarizadas que abrem caminho para a compreensão do poema. Leiamos a estrofe do poema “Não bata na mulher ela tem poder”:

Não posso chamar de homem  
Cabra que bate em mulher.  
Peço perdão ao jumento,  
Mas é um jegue qualquer.  
Não vale o que a gata enterra  
Só presta embaixo da terra  
E nem sei se a terra quer. (CATUNDA)

Nesta estrofe, o teor do discurso focaliza a ação verbal no presente, ‘posso’, ‘bate’, ‘peço’, ‘é’, ‘vale’, ‘presta’, ‘enterra’, ‘sei’ e ‘quer’, nove verbos que combinados expressam o significado do homem que bate em mulher, a não valia, a condição de jegue, a estupidez, o que a gata esconde e nem mesmo a terra quer ser abrigo. O cordel discute a violência contra a mulher, o machismo, o patriarcado, a opressão, denunciando em versos fatos do cotidiano.

Em outro cordel “Mulher tem que ter peito”, Dalinha adverte a ela de sua força, da luta de seus direitos, como lemos na seguinte estrofe:

A mulher tem que ter peito  
Para reger a sua vida  
Na luta do dia a dia  
Deve ser mais combativa  
Chega de submissão  
Basta de tanta agressão  
Reagir é a saída.

Os versos evidenciam a emancipação feminina como a via de mudança desse paradigma de opressão fortalecido pelo sistema patriarcal. A mulher que viveu recuada sente as transformações pelas quais a sua vida precisa passar, o que se dá “na luta do dia a dia”. Catunda segue em todo o poema alertando a mulher para o processo de empoderamento pela consciência crítica que é a linha que conduz a liberdade, a condição para se ter o empoderamento, termo utilizado por Berth (2018, p. 45) como “instrumento de emancipação política e social, e não se propõe a viciar ou criar relações paternalistas, assistencialistas ou de dependência entre indivíduos, tampouco traçar regras homogêneas de como cada um pode contribuir e atuar para as lutas dentro dos grupos minoritários”. Dalinha criou um eu poético feminino empoderado, não se deixa ser levada pelas tecnologias de opressão, como nos versos: “Eu sou mulher sertaneja! / Feminina e singular / O agreste me batizou / Mas fiz do mundo meu lar / Açoites patriarcais / Não me podaram jamais / Lutei para me libertar”.

Na produção poética dos cordelistas em estudo, observamos quanto ao substrato do significante a linguagem imagética, como no verso: “o sol parece um bolo de sangue nascendo da terra” (ASSARÉ, 1994); a sonoridade, as rimas, o ritmo, como em: “então saiba você que, / para se arranjar cultura, / é preciso se “antelar”, / exercitar a leitura / e passar a vida toda / numa constante procura” (ACOPIARA, 2012, p. 31); a cadência melódica, as repetições, a pontuação, as anáforas, elementos constituintes da estrutura poemática do cordel, como exemplificam os seguintes versos: “Sai cantando a natureza, / E toda essa imensidão / Canta sua terra amada / Canta amor canta a paixão / Às vezes canta bonito / Noutras a dor vira grito / Machucando o coração” (CATUNDA).

Quanto à camada do significado, as temáticas desenvolvidas revelam outras culturas, outras experiências de luta do homem pela terra e pela vida, a exuberância das paisagens, das flores, das chuvas, dos rios e até mesmo as privações evidenciadas pela fome, seca e miséria. Tudo importa aos poetas, porque o olhar é de quem capta novidade, mesmo que seja algo comum, natural. Há um interlocutor para quem se revela o estado de poesia, criando uma relação de proximidade entre leitor(a) e texto. É uma poesia dialógica que se propõe naturalmente ao encontro do outro. Uma espécie de diálogo, um jogo claro, é o que Zumthor (1997) chama de “relação dialógica” entre o poeta e o mundo. A poesia aponta em direção ao outro, ao que falta, ganhando vivacidade e movimentos, pela linguagem, pela temática, pelas imagens, associações e comparações à natureza.

A temática e os aspectos estilísticos adotados pelos poetas seduzem o leitor. Segundo Barthes (2004, p. 9) “um espaço de fruição fica então criado. Não é a “pessoa” do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade da dialética do desejo, de uma imprevisão do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo”. O texto é então esse espaço de fruição. O(a) leitor(a) pode desvendar vários significados, dependendo de seu (des)envolvimento com o texto. Das possibilidades de interpretação, o(a) leitor(a) reage positivamente ou não. Essa reação é construção de um mundo cuja abertura ocorre pelo universo da leitura. Vejamos a seguinte estrofe:

Repare que este cordel  
Foi todinho elaborado  
Com linguagem muito simples,  
Bem medido e bem rimado.  
É cultura brasileira!  
É só olhar com cuidado. (ACOPIARA, 2012, p.7)

A poesia de Patativa, Dalinha e Moreira contribui para a formação e o desenvolvimento de uma experiência leitora. A temática faz o(a) leitor(a) pensar e elaborar questionamentos sobre si mesmo e sobre o mundo. Cada verso lido preenche o vazio que arrastamos por anos a fio; cada verso lido abre caminhos e inaugura eventos de partilha na palavra poética. Segundo Pinheiro (2007, p. 22) “a experiência que o poeta nos comunica, dependendo do modo como é transmitida ou estudada, pode possibilitar (ou não) uma assimilação significativa pelo leitor”. A leitura nos causa contentamento, vontade de se atirar na direção do infinito, porque nele, muitas vezes, sentimos ser o nosso lugar.

## Considerações finais

Cada vez mais tem-se pesquisado, discutido e lido sobre a função da escola. São textos em livros, revistas, sites, jornais; são eventos científicos de toda natureza que discutem suas ações. Assistimos a entrevistas, debates, palestras sobre seu papel social, político e formativo. Temos lido o que a Base Nacional Comum Curricular - BNCC reza sobre as competências e habilidades que o(a) estudante deve desenvolver como objeto de aprendizagem. No entanto, o que percebemos diante de toda essa mobilidade entre tantos estudiosos e pesquisadores, debates e documentos é que a escola exerce sua função centrada em atribuições destinadas a cumprir as demandas de uma sociedade capitalista, voltada a preparação da mão de obra para o mercado de trabalho específico, esquecendo-se da prática de leitura, sobretudo no ensino médio.

A realidade da escola é dinâmica, plural, viva. Pressupomos que neste espaço as experiências culturais, estéticas, sociais e educacionais visem a criticidade dos estudantes para atuarem e modificarem a sociedade da qual fazem parte, expediente que passa pela leitura. Quando os estudantes participam ativamente desse processo há um movimento revolucionário no ensino, no âmbito da criticidade do estudante, no entanto isso só ocorre se a escola inserir em seus programas agendas de leitura literária e que a literatura de cordel também tenha um lugar.

Como um sujeito de quereres e necessidades, o(a) estudante carece ser atendido de forma integral, tendo em seu repertório formativo a literatura de cordel. Desnudar o mundo por meio da palavra, revelar seus sentidos, descobrir o que o texto esconde é algo feito pelo(a) leitor(a). A leitura é o ponto de partida, é o modo de descolonizar o ensino que atende as exigências do mercado educacional determinando o que deve ser lido. O professor deve orientar o(a) aluno(a) a vivenciar a leitura do texto literário e interpretar seus sentidos. A leitura é atividade de confronto e de movimento, como tal a escola tem responsabilidade sobre este evento, visando sua democratização.

Nesta esteira da produção literária de Patativa do Assaré, Dalinha Catunda e Moreira de Acoiara que sob o impulso criativo manifestam uma realidade ficcional coletiva de mundo, descrita com realismo e leveza, poesia e beleza, há um pulsar de vida. Um mundo novo se descobre pela inventividade, pela imaginação fecunda dos poetas que tecem o poema em sintonia com seu meio. Eles construíram monumentos verbais, arquitetaram uma forma poética imorredoura. O(a) estudante tem direito de participar dessa aventura, de conhecer as artimanhas fabulosas do universo do cordel. Ninguém pode ficar de fora.

## Referências bibliográficas

ACOPIARA, Moreira de. **A natureza agredida pede para ser respeitada**. Ilustrações de Rafael Limaverde. São Paulo: Duna Dueto, 2011.

- ACOPIARA, Moreira de. **Cordel em arte e versos**. Xilogravuras de Erivaldo Ferreira da Silva. São Paulo: Duna Dueto: Acatu, 2008.
- ACOPIARA, Moreira de. **O que é cultura popular?** Ilustrações de Luciano Tasso. São Paulo: Cortez, 2012.
- ACOPIARA, Moreira de. **Se os animais falassem**. Ilustrado por Alexandre Mastrella. Brasília: Ensino Editora, 2011.
- ANDRADE, Mário de. **O Baile das quatro artes**. SP: Martins, Brasília, INL, 1975.
- ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ASSARÉ, Patativa do. **Inspiração Nordestina**. São Paulo: Hedra, 2003.
- ASSARÉ, Patativa do. **Aqui tem coisa**. Fortaleza: Secult, 1994.
- ASSARÉ, Patativa do. **Cordéis**. Fortaleza: UFC, 1999.
- ASSARÉ, Patativa do. **Ispinho e Fulô**. Fortaleza: 2001.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 200.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. Ministério da Educação-MEC. [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf).
- BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte-MG: Letramento, 2018
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CATUNDA, Dalinha. Cantinho da Dalinha do Cordel. <http://cantinhodadalinha.blogspot.com>
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria - análise – didática**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Editora Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KRENAC, Ailton. **A vida não é útil**. Pesquisa e Organização Rita Carelli, 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LE GOFF, Jacques. **Memória - História**. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.
- LEMAIRE, Ria. Vozes de mulheres no território do cordel e da cantoria. In: **Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL** BOITATÁ, Londrina, n. 30, jul.- dez. 2020. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0>. Acesso em 19 de jan de 2024.
- MENDES, Murilo. **Poemas modernos do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma e reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. 21ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.
- PINHEIRO, M. do S. *A leitura de poesia no ensino médio: Algumas Experiências*. In: KARLO-GOMES, G.; COSSON, R. (Orgs.). **A leitura literária na escola e na universidade**. (Série Escola e Universidade). Campinas: Mercado de Letras, 2021, pp. 109-122.
- SANTOS, Francisca Pereira dos. **O livro delas: catálogo de mulheres autoras no cordel e na cantoria nordestina**. 2ª ed. Fortaleza-CE:IMEPH, 2023.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a literatura medieval**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.